

GILBERTO CAMPOS DE OLIVEIRA

GESTÃO CULTURAL DE ALFA-OMEGA E BETA:

UM OLHAR SOBRE O TERCEIRO SETOR NA CIDADE DE SÃO PAULO

CELACC/ECA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

2012

GILBERTO CAMPOS DE OLIVEIRA

GESTÃO CULTURAL DE ALFA-OMEGA E BETA:

UM OLHAR SOBRE O TERCEIRO SETOR NA CIDADE DE SÃO PAULO

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos produzido sob orientação do Professor Doutor Wilton Garcia

**CELACC/ECA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
2012**

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Wilton Garcia pela paciência e por apontar a direção, o barco da autoconfiança e os remos do acreditar e do agir.

RESUMO

O artigo destaca as transformações identitárias de duas organizações do terceiro Setor a partir do estudo de noção de cultura e identidade. Para isso o artigo conta com as contribuições teórico-metodológicas de Edward Palmer Thompson, Stuart Hall e Marilena Chauí que podem ser úteis para o entendimento do ponto de vista cultura, considerando-se a processualidade histórica. A partir de pesquisa bibliográfica e das observações realizadas nas organizações, apresenta-se um breve histórico do Terceiro Setor no Brasil e, em seguida, uma breve biografia da Associação Alfa-Omega e da Organização Beta. Ressalta-se também algumas transformações ocorridas no cerne das instituições e das identidades a partir do final da década de 1990.

Palavras-chave: Identidade, Cultura, Terceiro Setor e Contemporâneo.

ABSTRACT

The article highlights the identity transformations of two organizations of the third sector from the study of the concept of culture and identity. For this article relies on the theoretical and methodological contributions of Edward Palmer Thompson, Stuart Hall and Marilena Chauí that may be useful for understanding the cultural point of view, considering the historical processivity. From literature and from observations made in organizations, presents a brief history of the Third Sector in Brazil and then a brief biography of the Association and Alpha Omega Beta Organization. Special attention should be some changes occurring in the heart of institutions and identities from the end of the 1990's.

Keywords: Identity, Culture, and Contemporary Third Sector.

RESUMEN

El artículo destaca las transformaciones de identidad de organizaciones del tercer sector a partir del estudio del concepto de cultura e identidad. Para este artículo se basa en los aportes teóricos y metodológicos de Edward Palmer Thompson, Stuart Hall y Marilena Chauí que pueden ser útiles para entender el punto de vista cultural, teniendo en cuenta la procesividad histórico. De la literatura y de las observaciones realizadas en las organizaciones, presenta una breve historia del Tercer Sector en Brasil y, a continuación una corta biografía de la Asociación y Alpha Omega Beta Organización. Especial atención debe haber algunos cambios que se producen en el corazón de las instituciones y de las identidades desde el final de la década de 1990.

Palabras-Clave: Identidad, cultura y Tercer Sector contemporáneo.

SUMÁRIO

Introdução.....	06
Histórico do Terceiro Setor no Brasil	07
As trajetórias da Associação Alfa-Omega e da Organização Beta	08
Considerações Finais.....	11
Referências Bibliográficas	13

Introdução

Neste artigo, observam-se questões como cultura, identidade e gestão de projetos culturais de duas ONGs (Organizações Não Governamentais) caracterizam o Terceiro Setor e trabalham com projetos socioculturais no bairro da Freguesia do Ó, na cidade de São Paulo e a relação com o Estado.

Desta forma, o presente texto traça breve histórico do Terceiro Setor no Brasil, a trajetória da Associação Alfa-Omega e da Organização Beta, a noção de cultura vivida pelas organizações, a transformação identitária de ONG para OSCIP e os comportamentos provenientes da relação com o Estado, o novo parceiro estratégico a partir do final da década de 1990.

Para estudar esses aspectos, o artigo faz uso de autores como Marilena Chauí (2010), E. Thompson (2002), Stuart Hall (1987) e Coelho.

Coelho (2000) destaca o histórico, o conceito de Terceiro Setor, a articulação e o gerenciamento das forças sociais atuantes (sociedade civil) seja por ausência ou inoperância do Estado, seja por iniciativa da própria sociedade civil.

Já Thompson (2002) destaca a abordagem historicista do conhecimento e a problematização das concepções de cultura e de formação ao colocar a cultura como atributo humano em contextos estruturados dentro da história em permanente diálogo como um sistema aberto.

Hall (1987) aponta a mobilidade das identidades e a fragmentação do sujeito que se constrói nas relações e, a partir dessas relações, cria novas realidades, configurações ou sociabilidades.

Marilena Chauí (2010) destaca a noção dinâmica da cultura, que ajuda na percepção dos modos de vida e trabalho criados e transmitidos pelas organizações estudadas.

A seleção das instituições da pesquisa se justifica pelo crescimento do setor e pelo protagonismo da Associação Alfa-Omega e da ONG Beta.

O primeiro contato em cada uma das organizações ocorreu com as presidentes da Beta e da ALFA-OMEGA, tendo como acordo a não divulgação dos nomes das entidades por motivos não divulgados.

O período considerado para a realização da pesquisa foi de três meses (julho e agosto de 2011 e fevereiro de 2012), sendo que ocorreram seis encontros em cada instituição.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou o método da observação, a leitura de documentos e a escuta informal de voluntários das duas instituições.

Histórico do Terceiro Setor no Brasil

Segundo Ioschpe (2000), o Terceiro Setor surgiu na Europa ocidental nas décadas de 1960/70 com objetivo de criar programas de cooperação internacional para o terceiro mundo.

O Terceiro Setor é o espaço ocupado pelo conjunto de entidades privadas sem fins lucrativos, isto é, associações assistenciais, ONGs e fundações de diversos tipos às quais as pessoas se vinculam por identificação pessoal com a causa que elas promovem, visando contribuir com a solução de problemas sociais através das atividades complementares às públicas.

Na década de 1970, o Terceiro Setor originou-se no Brasil como lugar de participação e experimentação de novos modos de pensar e agir sobre a realidade social.

Para Coelho (2000), o Terceiro Setor é uma invenção recente como categoria social, que surgiu para identificar um conjunto de iniciativas da sociedade civil organizada que visam atender interesses públicos.

Nesse período, a ONG destacou-se como tipo especial de organização privada para desenvolvimento social sem fins de lucro em apoio ao setor público.

Todavia se percebeu que nem todas as ONGs têm uma função pública direcionada à promoção do bem-estar social, pois há aquelas cuja função é exclusivamente atender aos interesses do seu grupo fundador, como sindicatos, cooperativas e associações de seguro mútuo.

Na década de 1990, um novo capítulo se inicia no Terceiro Setor com a introdução do termo OSCIP. A OSCIP é uma organização da Sociedade Civil que tem por finalidade colaborar com o Estado na realização de interesses públicos.

Criada através da Lei 9.790/99, regulamentada pelo Decreto nº 3.100/99, a OSCIP é um marco legal, fruto de estudos da Comunidade Solidária (novo modelo de atuação social baseado no princípio da parceria).

De acordo com Ferrarezi (2000) em *Organização da sociedade civil de interesse público – OSCIP*, ocorre o estreitamento da sociedade civil com o Estado, o que facilitou o acesso e o uso de recursos públicos para as finalidades das organizações do Terceiro Setor.

As organizações Alfa-Omega e Beta optaram pelo título de OSCIP a fim de fazer uso dos benefícios dessa parceria e dividir dessa forma o encargo administrativo e de prestação de conta, alterando o perfil identitário das organizações Alfa-Omega e Beta e suas relações com o público e seus projetos socioculturais.

As trajetórias da Associação Alfa-Omega e da Organização Beta

A Associação dos Moradores das Vilas Alfa-Omega nasceu no ano de 1954 na região da Freguesia do Ó, zona norte da capital paulistana. A gestão era popular, isto é, realizada pelos próprios moradores (associados) que integravam a diretoria da organização.

Conforme entrevista dada pela direção, a organização tinha mais de 500 associados, representantes dos bairros que pensavam e decidiam os projetos que melhor atendessem as necessidades socioculturais dos moradores.

A associação era responsável pela administração do antigo Cinema da Pedreira, espaço que acomodava duas mil pessoas para exibição dos filmes e teatro popular nas décadas de 1960, 1970 e início de 1980.

Tinha também em sua gestão, o acolhimento de doações dos comerciantes dos bairros para oficinas de artesanato, alfabetização de adultos (antigo Mobral), arte em geral, atividades recreativas e esportivas para crianças, adolescentes, adultos e idosos a fim de dinamizar a cultura ou as culturas.

A noção de cultura se aproximava de uma atividade social prática, dependente de uma relação social ativa e em transformação; uma presença social dinâmica no mundo e entendida em um processo dialético, uma vez que atua na transformação das pessoas e da comunidade atendida, segundo a atual presidente da Associação Alfa-Omega, senhora Maria Aparecida, formada em Direito.

Segundo Chauí (2010), a cultura é resultante da relação que as pessoas socialmente organizadas estabelecem, com o tempo e o espaço, com a natureza e com outras pessoas, as normas que garantam a existência material e imaterial significativa dos grupos sociais.

Já a partir da década de 1990, a organização viveu dificuldades financeiras, a saída de membros da diretoria e uma crise de identidade, segundo Maria Aparecida. A entidade permaneceu dois anos sem atividade social, o que acentuou a queda no número de moradores participantes.

Notou-se, nesse período, sucessiva mudança de diretoria, de estilos gerenciais e os projetos antes geridos pela comunidade local foram deixados de lado e uma nova gestão de projetos socioculturais começou a predominar: a lógica do lucro e dos projetos dirigidos por interesses particulares.

Hall (2005) ressalta que o final do século XX introduz um debate sobre uma possível crise de identidade do sujeito que estabilizou e unificou o mundo social em face de uma mudança estrutural que fragmenta e desloca as identidades culturais. Ressalta a ideia do sujeito fragmentado que possuía uma identidade fixa e estável, mas se tornou inacabada e descentrada historicamente.

Com o título de OSCIP, a Associação começou a pensar a cultura em relação ao mercado, dentro do momento histórico, mas devendo se encaixar nos esquemas mercadológicos e políticos. Dessa forma, a cultura passou a ser um produto e algo inquestionável.

Na abordagem econômica, autores como Reis (2007) e Lima (2007) pensam os bens e serviços culturais como promotores do desenvolvimento. A partir desta perspectiva, a economia da cultura é vista como um caminho promissor para o desenvolvimento e focada mais no resultado imediato da implantação iminente e necessária, que pode gerar nas organizações Alfa-Omega e Beta maior dificuldade em suas relações, com alto índice de disputas pelo poder, além de uma apreensão maior por parte dos colaboradores.

A Associação Alfa-Omega começou a ver e conceber seus projetos e parcerias de acordo com a Lei 9.790/99, art. 3º. Em geral, a lei traz a possibilidade das pessoas jurídicas de direito privado sem fins lucrativos serem qualificadas, pelo Poder Público, como OSCIP's e poderem com ele relacionar-se por meio de parceria, desde que os seus objetivos sociais e as normas estatutárias atendam as finalidades da legislação como promoção da assistência social; da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico, promoção do voluntariado e combate à pobreza, diz Maria Aparecida.

Thompson (1981) introduziu a categoria experiência vivida (resultante das experiências vivenciadas na realidade concreta e que entram em confronto com a experiência percebida) e a articula com a cultura, componente dinâmico, o que caracterizou uma junção entre estrutura e processo, entre as determinações objetivas do ser social e a possibilidade do agir sem ignorar o sentimento das pessoas na experimentação da própria experiência refletida nas normas e valores sociais, uma identidade fragmentada, marcada pelo esvaziamento da subjetividade.

Conforme Thompson (1981), essa visão retira a influência integral do Estado nas políticas de gestão de projetos socioculturais das organizações, pois há no homem e nos grupos a capacidade de romper com condições impostas e o caráter contraditório das necessidades materiais e culturais. Essa experiência pode levar as organizações a rever práticas e valores e, ao mesmo tempo, pode contribuir para a formação de identidades e perceber a cultura como referencial de espaço contra a identidade

Na concepção de Thompson (1998), os fenômenos socioculturais são pensados como reflexo imediato da vida econômica, mas o fenômeno econômico não deixa de ser uma criação humana, social e cultural.

Já a Organização Beta nasceu, em 2008, na região da Freguesia do Ó, localizada na cidade de São Paulo. Sua missão refere-se ao atendimento de comunidades socialmente vulneráveis de leitores, grafiteiros, ilustradores, poetas, artesãos, músicos e público em geral na divulgação da arte popular de jovens entre 15 e 24 anos.

Beta oferece cursos, oficinas e palestras na área artística (literatura e música) e cursos livres (preparatório para o primeiro emprego e atendente administrativo), sendo que mais de 400 pessoas foram capacitadas em três anos de funcionamento.

A ONG Beta não possui associados. Nos primeiros anos de existência, Beta recebia doações de voluntários, comerciantes e dos amigos do público atendido para execução dos projetos socioculturais e publicação dos eventos em websites e jornal de bairro.

No início do terceiro ano, Beta passou de ONG para OSCIP em virtude do interesse de ocupar espaço na agenda das organizações que realizam captação de recursos financeiros oriundos da administração pública municipal e a fim de imprimir maior mobilidade gerencial aos projetos sociais e realizar controle dos resultados, com garantias de que os recursos públicos sejam utilizados de acordo com os fins públicos e fortalecimento do Terceiro Setor, segundo a presidente da Beta, senhora Maria Lucia da Silva.

Conforme Hall (1987), a identidade torna-se uma celebração móvel e transformada continuamente em relação às maneiras pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Para os representantes da ONG Beta, os projetos culturais devem refletir a cultura e o pensamento da direção da entidade, isto é, seus costumes, suas regras,

sua história, aquilo que determina e organiza seus comportamentos e se referem aos padrões, crenças e costumes, mas passíveis de mudança.

Para o PMI (2004), existem aspectos organizacionais e culturais que influenciam os projetos e seus gerenciamentos. Esses aspectos referem-se à estrutura e à informação dos valores compartilhados, normas, crenças e expectativas, políticas e procedimentos e visão das relações de autoridade.

Coelho (2000) assinala que os projetos culturais mudam à medida que as pessoas mudam e isto se refere à construção e troca ininterrupta de sistemas simbólicos, entre os quais se incluem a linguagem, as artes, a ciência e as normas econômicas, e da própria identidade das organizações do Terceiro Setor na relação com o Estado em prol da produção e desenvolvimento multicultural.

De acordo com a perspectiva de Canclini (1995) pensar um desenvolvimento multicultural democrático só pode ser possível, quando as diferentes culturas podem estar inclinadas ao interesse público do que à rentabilidade econômica ou comercial.

Isso implicar pensar a responsabilidade do próprio Estado de criar ou recriar um espaço público em lugar de produção cultural e não apenas de consumo de produtos ou projetos socioculturais, para que nele organizações pudessem negociar acordos (projetos socioculturais), que desenvolvessem os interesses públicos do ponto de vista cultural.

Nesse sentido, a parceria entre Estado e sociedade civil (Terceiro Setor) é vista, pelo menos por uma parte dos agentes da sociedade civil, como estratégica para o fortalecimento da sociedade contemporânea marcada pela diversidade, pela fragmentação e pela comunicação rápida, da democracia, assim como, instrumento de diminuição das desigualdades sociais e melhoria da qualidade de vida ao levar em consideração a cultura ou as culturas existentes.

Dessa forma, a noção de cultura – para além da visão econômica – pode ser vista como um processo que caracteriza o humano e os grupos sociais ou organizações do Terceiro Setor como seres de mutação, de projeto, que transformam e são transformados à medida que transcendem a própria experiência.

Segundo Chauí (2010), nessa noção de cultura os grupos sociais não se definem como modelos, mas como agentes de ação consciente sobre o mundo, construtores de história, de sentidos incessantes e sujeitos de seus atos.

Considerações Finais

Este trabalho possibilitou a análise da realidade histórico-social e especificamente a compreensão da noção de cultura e transformação identitária da Associação Alfa-Omega e da Organização Beta, além de permitir pensar o entrelaçamento de fatores econômicos, sociais e culturais, sem se prender a uma análise determinista e mecânica.

Saliento essa possibilidade, pois no início da década de 1980, as organizações do Terceiro Setor figuravam como resposta àquilo que entendiam como defeito e problemas de governo.

Mas, a análise da Associação Alfa-Omega e da Organização Beta, em síntese, torna possível o esboçar da idéia de que já se encontra em curso um processo de cristalização de uma imagem característica desse segmento, marcando sua posição no cenário social e definindo suas práticas e ideais a partir do papel de braço do Estado e não mais como ausência ou defeito em determinadas áreas do Poder Público.

A Associação Alfa-Omega, historicamente, saiu de uma associação dependente de doações dos comerciantes, amigos e usuários atendidos pelos seus programas e projetos socioculturais para uma organização parceira, braço do Estado, do Poder Público.

A Associação abandona a antiga configuração de associação, sua segurança e seus laços que ligavam seus membros anteriormente para a criação de grupos institucionalizados e marcados pelo caráter inter-relacional e público.

Em sua linha do tempo, a Associação cedeu o espaço de convivência, participação e decisão popular para a inauguração do espaço público para o popular a partir de programas e projetos que seguem a política de cultura do Poder Público e, no caso específico, do município.

O passado e o presente da OSCIP trazem à tona a contradição surgida a partir da nova concepção de cultura e da transformação identitária ao contemplar o título de OSCIP.

Isto não quer dizer que o título seja capaz de, isoladamente, provocar esses eventos, mas a dinâmica vivida pela organização entre seus membros na história de cinquenta e oito anos, movida pelos interesses pessoais e coletivos dos seus membros altera a espacialidade e a relação com o tempo e sua clientela (moradores das vilas Alfa e Omega) que também mudou ao longo da história.

No que se refere à OSCIP Beta, pode-se pensar o benefício que obteve ao nascer em um período que já contava com a Lei 9.790/99, art. 3º que firma a parceria das organizações com o Poder Público a fim de executar seus projetos socioculturais e garantir aos usuários da organização, leitores, grafiteiros e artistas em geral, anônimos da periferia, o acesso às ferramentas, recursos materiais e espaço para a divulgação de sua arte, mesmo dentro das especificações ou limites organizacionais e públicos caracterizados pelos projetos.

Nesse sentido, as próprias organizações do Terceiro Setor observadas são consideradas categorias construídas e articuladas às condições materiais e culturais historicamente e sujeita às mudanças e fragmentações socioculturais que determinam costumes.

Todo esse processo atinge, de formas bem variadas, não só o cotidiano do cidadão comum, mas também a maneira de cada OSCIP de ser, perceber a realidade, enxergar o espaço e o tempo. Cada organização e cada pessoa são frutos do cotidiano da cultura em que vivem.

Em geral, fazem dela uma realidade única, pois compartilham uma visão sem questioná-la, o que pode garantir uma identidade dentro de um determinado espaço e tempo.

No contexto atual, torna-se desafiador para as OSCIP's Beta e Alfa-Omega estabelecer diálogos que contemplem os interesses dos públicos sem romper a parceria com o Estado e os interesses coletivos e de seus parceiros.

Permanece, portanto, o desafio de investigar as diferentes modalidades de organizações do Terceiro Setor e a pauta que orienta a gestão dos projetos socioculturais e suas implicações para a trajetória de vida das pessoas e das comunidades assistidas no plano cultural e social.

Referências Bibliográficas

- CANCLINI, N. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- CHAUI, Marilena. *Iniciação à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2010.
- COELHO, Simone de Castro Tavares. *Terceiro setor: um estudo comparado entre o Brasil e os Estados Unidos*. São Paulo: SENAC, 2000.
- FERRAREZI, Elisabete. *Organização da sociedade civil de interesse público – OSCIP: a lei 9.790 como alternativa para o terceiro setor*. Brasília: Comunidade Solidária, 2000.
- HALL, S. "Minimal Selves", in *Identity: The Real Me*. ICA Document 6. Londres: Institute for Contemporary Arts, 1987.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.) *3º. Setor: desenvolvimento social sustentado*. 2 a.edição. São Paulo: Paz e Terra/GIFE, 2000.
- LIMA, C. Políticas culturais para o desenvolvimento: o debate sobre as indústrias culturais e criativas. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 3. 2007, Salvador. Anais... Salvador: ENECULT, 2007.
- PROJECT MANAGEMENT INSTITUTE. *A guide to the project management body of knowledge - PMBOK*. Newton, PA: PMI Standards, 2004.
- REIS, A. Economia da cultura e desenvolvimento - panorama geral e sugestão de debates para não-economistas. Rumos Itaú Cultural, Revista do Observatório, v. 2, out. 2007.
- SILVA, Sérgio. *Thompson, Marx, os marxistas e os outros*. In.: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998. v. 2. (Coleção Textos Didáticos).
- THOMPSON, E. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: UNICAMP, 2002.
- THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.